

Eleição - Presidência

Ciro quer limpar sua barra com empresários

Ele pede que esqueçam o que fez no Ministério

São Paulo - O provável candidato à Presidência da República pelo PPS, **Ciro Gomes**, fez até agora tímidos contatos com os empresários de São Paulo. Para conseguir a aproximação que deseja, **Ciro** terá que superar um sério empecilho: fazer com que sua passagem pelo Ministério da Fazenda em 1994, considerada desastrosa pelos industriais, seja esquecida.

O deputado **Emerson Kapaz** (PPS-SP), que facilita o trânsito de **Ciro** entre o empresariado, admite que ele sempre é questionado sobre o passado. O "choque de oferta", com a liberação dos importados naquela época, ainda é defendido por **Ciro**, mas não os passos seguintes na condução da política econômica. O rompimento com o governo e a troca de partido são o "álibi" usado por **Ciro**, para demonstrar que suas idéias não prevaleceram. "Em alguns casos, o empresário até muda de opinião", diz **Kapaz**, refletindo sobre o poder de convencimento de **Ciro**.

Em setembro de 1994, o então ministro **Ciro Gomes** abriu o mercado nacional aos produtos estrangeiros, antecipando em três meses a redução das alíquotas de importação de centenas de produtos. Aliada a uma cotação do dólar abaixo de R\$ 1, a medida provocou a explosão dos importados. Se beneficiou os consumidores, foi considerada uma paulada pela indústria e, apesar de já terem se passado quase seis anos, o setor não esqueceu.

O processo de abertura da economia é o lado racional da queixa contra **Ciro**. No emocional, o que incomodou na época foi a retórica pesada usada pelo então ministro para refutar crí-



Ciro substituiu Ricupero na Fazenda e brigou com industriais

ticas. Diante das pressões por aumentos de preços, **Ciro** chamou os empresários de "imbecis", "canalhas", "ladrões" e "pilantras". Arroubos do passado que não foram perdoados, e que lhe deixaram a marca de autoritário e voluntarioso. "Aquela passagem foi um aprendizado para ele", pondera **Kapaz**. **Ciro** teria aprendido, por exemplo, que "não é tudo que se resolve num rompante", como diz o deputado. "Hoje, ele é bem menos voluntarioso. Ainda é um pouco, mas isso é do gênio. Ele é uma pessoa determinada."

Na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), que criticou publicamente **Ciro** na época do ministério, ainda há muita desconfiança. Embora aliados de **Ciro** tenham dito que ele esteve três vezes na entidade, o presidente da Fiesp, **Horácio Lafer Piva**, e outros quatro diretores negam essas conversas. Ele esteve lá sim, pelo menos uma vez, para um coquetel oferecido por uma

revista semanal no ano passado, mas, ao redor de **Ciro**, dizem os diretores da Fiesp, estava o pessoal do Iedi (Instituto de Estudos para Desenvolvimento Industrial). **Kapaz** confirma que nunca houve um encontro de **Ciro** com a cúpula da Fiesp. A entidade, segundo ele, alega que ainda é muito cedo para esse tipo de encontro. Um dos diretores mais próximos de **Piva** confirma que não há interesse, no momento, de marcar uma conversa com **Ciro**.

Ainda reservadamente, o nome do ministro da Educação, **Paulo Renato**, também é discutido como uma opção para o empresariado. Por trás da articulação, está o ex-ministro da Fazenda **Delfim Netto**, que aposta, além da baixa rejeição do ministro, no seu perfil discreto e afinado com o atual governo. Ele empolga pouco e os empresários opinam que o governador do Ceará, **Tasso Jereissati** (PSDB), tem perfil semelhante e seria uma opção melhor a ser considerada.